

Este é um livro sobre Acton, Massachusetts.
Por isso, naturalmente, gostaria de dedicá-lo a Andy Bauch,
de Boxborough. E a Rose, Warren, Sally, Bernie,
Niko e Zach, de Encino, Califórnia.

Estou a terminar o jantar com a minha família e o meu noivo quando o meu marido me liga.

O meu pai faz 64 anos. Está a usar a sua camisola preferida, de caxemira verde-tropa, que eu e a Marie, a minha irmã mais velha, lhe oferecemos há dois anos. Penso que é por isso que ele gosta tanto dela. Bem, e também por ser de caxemira. Quem é que eu estou a tentar enganar?

A minha mãe está sentada ao lado dele, com uma blusa branca fina e calças caqui, a tentar esconder o sorriso. Sabe que a qualquer momento chegará um bolo minúsculo com uma vela para cantarmos os parabéns. Sempre foi um pouco infantil no que toca a surpresas.

Os meus pais estão casados há 35 anos. Criaram duas filhas e gerem uma livraria de sucesso. Têm duas netas encantadoras. Uma das filhas vai assumir o negócio da família. Têm muito de que se orgulhar. É um aniversário feliz para o meu pai.

A Marie está sentada ao lado da minha mãe, e é em alturas como esta, quando estão sentadas uma ao lado da outra, a olhar na mesma direção, que percebo quão parecidas elas são. Cabelo castanho-chocolate, olhos verdes, silhuetas esguias.

Só eu é que herdei o rabo grande.

Felizmente, acabei por apreciá-lo. Há, claro está, muitas canções dedicadas à glória de um traseiro, e se os meus 30 anos de vida me ensinaram alguma coisa até agora, é que estou pronta a tentar ser eu própria, sem vergonhas.

Chamo-me Emma Blair e tenho um rabiosque.

Tenho 31 anos, um metro e sessenta e oito, e cabelo loiro com um corte *pixie*. Os meus olhos cor de avelã são emoldurados por uma constelação de sardas que ocupa a parte superior da minha bochecha direita. O meu pai costuma dizer na brincadeira que até se consegue distinguir a Ursa Menor.

Na semana passada, o meu noivo, o Sam, deu-me o anel que demorou dois meses a escolher. É um solitário de ouro rosa com um diamante. Apesar de não ser o meu primeiro anel de noivado, é a primeira vez que uso um diamante. Quando olho para mim própria, só consigo ver isso.

— Oh, não — diz o meu pai ao ver um trio de empregados de mesa a vir na nossa direção com uma fatia de bolo com uma vela acesa. — Vocês não...

Não é falsa modéstia. O meu pai costuma corar quando cantam para ele.

A minha mãe olha para trás, para ver o que ele está a ver.

— Oh, Colin — diz ela. — Anima-te! É o teu aniversário...

Os empregados fazem uma abrupta curva à esquerda e dirigem-se para outra mesa. Aparentemente, o meu pai não é o único aniversariante do dia. A minha mãe vê o que acabou de acontecer e tenta disfarçar.

— Foi por isso que não lhes pedi que te trouxessem um bolo — acrescenta ela.

— Desiste — aconselha o meu pai. — Já não dá para disfarçar.

Os empregados acabam de servir a outra mesa e um gerente sai com outra fatia de bolo. Agora estão todos a vir na nossa direção.

— Se quiser esconder-se debaixo da mesa, eu digo-lhes que não está aqui — sugere o Sam.

O Sam é atraente pela sua simpatia — que é capaz de ser a melhor forma de se ser atraente —, com uns calorosos olhos

castanhos que parecem olhar para tudo com ternura. E é divertido. Realmente divertido. Quando começámos a namorar, reparei que as minhas rugas de riso estavam a ficar mais acentuadas. Provavelmente porque estou a envelhecer, mas não consigo deixar de pensar que é porque me tenho rido mais do que nunca. Que mais poderemos desejar numa pessoa além de bondade e humor? Creio que para mim não há nada mais importante do que isso.

O bolo chega, cantamos em coro e o meu pai fica vermelho como um tomate. Depois, os empregados afastam-se e na mesa fica uma enorme fatia de bolo de chocolate com gelado de baunilha.

Os empregados tinham deixado cinco colheres, mas o meu pai imediatamente se apodera de todas.

— Não sei porque é que deixaram tantas colheres. Só preciso de uma — diz ele.

A minha mãe tenta tirar-lhe uma.

— Calma lá, Ashley! — exclama ele. — Suportei a humilhação, por isso mereço comer este bolo sozinho.

— Se é assim — intervém a Marie —, podem fazer a mesma palhaçada no meu aniversário já no próximo mês. Vale bem a pena.

A Marie dá um gole na sua *Coca-Cola Zero* e vê as horas no telemóvel. O marido, o Mike, está em casa com as minhas sobrinhas, a Sophie e a Ava. A Marie raramente os deixa muito tempo sozinhos.

— Tenho de ir andando — justifica-se ela. — Desculpem ter de sair, mas...

Ela nem precisa de explicar. Os meus pais levantam-se e despedem-se dela com um abraço.

Depois de ela sair e de o meu pai finalmente concordar em deixar-nos comer o bolo, a minha mãe comenta:

— Pode parecer um disparate, mas tenho saudades disto. Tenho saudades de sair de um sítio mais cedo por não poder esperar para estar com as minhas meninas.

Já sei o que se segue.

Tenho 31 anos e estou prestes a casar-me. Sei exatamente o que se segue.

— Vocês já pensaram quando é que vão começar a constituir família?

Tenho de me controlar para não revirar os olhos.

— Mãe...

O Sam já está a rir-se. Pode dar-se a esse luxo. Ela é apenas mãe honorária dele.

— Só estou a falar nisso porque há cada vez mais estudos sobre os perigos de esperar tempo demais para ter o primeiro filho — acrescenta a minha mãe.

Haverá sempre estudos a comprovarem que tenho de me despachar e estudos a demonstrar o contrário, e eu decidi que só terei um bebé quando estiver pronta, independentemente do que a minha mãe leia no *The Huffington Post*.

Felizmente, a expressão do meu rosto fá-la recuar.

— Deixa lá, deixa lá — diz ela, abanando a mão no ar. — Pareço a minha própria mãe. Esquece. Vou parar de fazer isto.

O meu pai ri-se e abraça-a.

— OK — diz ele. — Estou em coma glicémico e tenho a certeza de que a Emma e o Sam têm coisas melhores para fazer do que ficar aqui connosco. Vamos pedir a conta.

Quinze minutos depois, estamos os quatro à porta do restaurante, prestes a dirigirmo-nos aos nossos carros.

O meu vestido de malha azul-marinho de mangas compridas e os collants grossos protegem-me à justa do ar frio da noite. Esta é uma das últimas noites em que poderei sair sem um casaco de lã.

Estamos no final de outubro. O outono já está aí e tomou conta de Nova Inglaterra. As folhas estão amarelas e vermelhas, prestes a tornar-se castanhas e quebradiças. O Sam já foi a casa dos meus pais uma vez para varrer as folhas do jardim. Em dezembro, quando a temperatura descer, ele e o Mike terão de pegar nas pás para limpar a neve do caminho de acesso deles.

Mas por ora o ar ainda está morno, por isso aproveito o melhor possível. Quando vivia em Los Angeles, não dava valor às noites quentes. Nunca valorizamos as coisas que duram para sempre. Foi uma das razões que me levaram a querer voltar para o Massachusetts.

A caminho do carro, ouço o toque distante de um telemóvel. Percebo que vem da minha bolsa, ao mesmo tempo que ouço o meu pai a tentar convencer o Sam a ensiná-lo a tocar guitarra. O meu pai tem o irritante hábito de querer aprender a tocar todos os instrumentos que o Sam toca, não percebendo que o Sam é professor de música, não o *seu* professor de música.

Reviro a bolsa à procura do telemóvel e agarro na única coisa iluminada e a piscar. Não reconheço o número. O indicativo 808 também não me diz muita coisa, mas deixa-me curiosa.

Ultimamente, ninguém fora do 978, 857, 508 ou 617 — os vários indicativos de Boston e arredores — tem motivos para me telefonar.

E o 978, especificamente, sempre representou o meu lar, independentemente do indicativo da morada em que eu vivesse na altura. Passei um ano em Sydney (61 2) e meses a viajar de mochila entre Lisboa (351 21) e Nápoles (39 081). Passei a lua de mel em Mumbai (91 22) e vivi, alegremente, durante anos, em Santa Monica, Califórnia (310). Mas quando precisei de vir «para casa», a minha «casa» era o 978. E é aqui que estou até agora.

A resposta ocorre-me subitamente à mente.

808 é o código do Havai.

— Estou? — atendo.

O Sam virou-se para olhar para mim, e os meus pais não demoram a fazer o mesmo.

— Emma?

Reconheceria aquela voz do outro lado da linha em qualquer lugar, a qualquer hora; uma voz com quem conversei diariamente durante anos. Uma voz que pensei nunca mais voltar a ouvir, e que não consigo acreditar que estou a ouvir agora.

O homem que amei desde os meus 17 anos. O homem que me deixou viúva quando o helicóptero em que seguia se despenhou algures no Pacífico e ele desapareceu sem deixar rasto.

Jesse.

— Emma — diz o Jesse. — Sou eu. Estou vivo. Estás a ouvir-me? Vou voltar para casa.

Penso que talvez todos tenhamos um momento na vida que a divide em duas. Ao olhar para a nossa linha do tempo, há um marco algures no caminho, um evento que nos mudou a nós ou à nossa vida, mais do que os outros.

Um momento que cria um «antes» e um «depois».

Talvez seja quando conhecemos o amor da nossa vida, ou quando descobrimos a nossa paixão, ou quando temos um filho. Pode ser algo maravilhoso. Pode ser algo trágico.

Mas, quando isso acontece, fica gravado nas nossas memórias, muda a maneira como vemos a vida, e de repente parece que tudo aquilo por que passamos recai na categoria do «antes» ou do «depois».

Eu pensava que o meu momento tinha sido a morte do Jesse. Tudo na nossa história de amor parecia conduzir a esse momento. E tudo o que tinha acontecido desde então fora uma consequência disso.

Mas agora descobro que afinal o Jesse não morreu.

E tenho a certeza de que *este* é o meu momento.

Agora, tudo o que aconteceu *antes* do dia de hoje me parece diferente, e não faço ideia do que irá acontecer *depois*.

ANTES



Emma e Jesse

*Ou como conhecer o amor
e ficar com o coração destroçado*

Nunca fui madrugadora, mas o meu ódio pela luz radiosa das manhãs era mais intenso ao sábado, às 8h10, quando andava na escola secundária.

Como um relógio, o meu pai batia à porta do meu quarto e dizia: «O autocarro parte daqui a dez minutos», apesar de o dito «autocarro» ser o *Volvo* dele e não ter como destino a escola, mas sim o negócio da nossa família.

A Blair Books foi fundada pelo tio do meu pai na década de 1960, no mesmo local que ocupa até hoje, o lado norte da Great Road em Acton, Massachusetts.

O que significa que, assim que tive idade legal para poder ter um emprego, fui obrigada a trabalhar na caixa da livraria alguns dias por semana depois das aulas e todos os sábados de manhã.

Fiquei com os sábados porque a Marie preferia os domingos. No verão anterior, ela tinha comprado um *Jeep Cherokee* azul-marinho com o dinheiro das suas poupanças.

A única ocasião em que entrei no jipe da Marie foi na noite em que ela o comprou, quando, feliz da vida, me convidou para ir à Kimball's Farm comer um gelado. Comprámos uma embalagem de gelado de chocolate para os nossos pais e deixámo-lo a derreter enquanto comíamos os nossos *sundaes* sentadas no capô a desfrutar do calor do verão.

Reclamámos da livraria e do facto de a mãe pôr sempre queijo parmesão nas batatas. A Marie confessou que tinha fumado erva. Eu prometi não contar aos nossos pais. Depois, ela perguntou-me

se eu alguma vez tinha beijado alguém e eu virei a cabeça, com medo de que a resposta transparecesse no meu rosto.

— Não faz mal — disse ela. — Há muitas pessoas que só dão o primeiro beijo no secundário.

Ela vestia calções verde-tropa e uma camisa azul-marinho, e tinha ao pescoço dois fios de ouro fininhos que caíam até ao sutiã. Nunca abotoava as camisas até acima. Havia sempre um botão desapertado mais abaixo do que seria de esperar.

— Pois — respondi. — Eu sei.

Mas reparei que ela não disse: «Eu *própria* só dei o meu primeiro beijo no secundário.» E, obviamente, era isso que eu queria ouvir. A mim não me preocupava não ser como os outros. Preocupava-me não ser como *ela*.

— As coisas vão melhorar, agora que vais para o secundário — garantiu a Marie enquanto deitava fora o resto do seu gelado de menta com pedipos de chocolate. — Vai por mim.

Nesse momento, nessa noite, eu teria acreditado no que quer que ela tivesse dito.

Mas essa noite foi uma exceção no meu relacionamento com a minha irmã, um raro momento de parceria entre duas pessoas que apenas coexistiam.

Com o início do meu nono ano, e a estudarmos no mesmo edifício todos os dias, cruzávamo-nos nos corredores de casa à noite e da escola durante o dia, como inimigas num cessar-fogo.

Por isso, qual não foi a minha surpresa quando acordei numa manhã de sábado às 8h10, no início do nono ano, e descobri que não tinha de ir trabalhar para a Blair Books.

— A Marie vai levar-te a comprar calças de ganga novas — explicou a minha mãe.

— Hoje? — indaguei, sentando-me na cama e esfregando os olhos, perguntando-me se aquilo significava que eu podia dormir mais um pouco.

— Sim, ao centro comercial — acrescentou a minha mãe. — Escolhe o que quiseres, eu pago. Deixei 50 dólares na bancada. Se gastares mais do que isso, estás por tua conta.

Eu estava a precisar de calças de ganga novas porque as minhas calças velhas estavam todas com buracos. Supostamente, eu deveria receber um par de calças novo todos os Natais, mas era tão esquisita, tão neurótica acerca de como deveriam assentar-me, que a minha mãe tinha desistido. Por duas vezes tínhamos ido ao centro comercial e saído ao fim de uma hora, com a minha mãe a esforçar-se por esconder a sua irritação.

Era uma experiência nova para mim. A minha mãe sempre quisera estar perto de mim, ansiando pela minha companhia durante toda a minha infância. Mas eu tinha-me tornado tão irritante que ela estava pronta a entregar-me a outra pessoa. E a um sábado, ainda por cima.

— Quem é que vai ficar na caixa? — perguntei.

Arrependi-me mal as palavras me saíram da boca. Tive medo de ter acabado de estragar uma coisa boa. Deveria simplesmente ter dito «Está bem» e recuado lentamente, para não a assustar.

— O Sam, o rapaz novo que contratámos — respondeu a minha mãe. — Está tudo bem. Até lhe dão jeito essas horas extra.

O Sam era aluno do décimo ano lá na escola e tinha entrado um dia na loja e perguntado: «Posso preencher uma candidatura?», apesar de não estarmos tecnicamente a contratar ninguém e a maioria dos adolescentes querer trabalhar na loja de CD ao fundo da rua. Os meus pais contrataram-no na hora.

Ele era muito giro, alto e magro, com pele cor de azeitona e olhos castanho-escuros, e estava sempre de bom humor, mas eu não me sentia capaz de gostar dele, pois a Marie tinha comentado que o achava «fofo». Eu recusava-me a gostar do mesmo que ela, fosse lá o que fosse.

Tenho de admitir que esta linha de pensamento começava a limitar consideravelmente o meu leque de amigos e a tornar-se insustentável.

A Marie gostava de toda a gente e toda a gente gostava da Marie.

Ela era a Menina de Ouro, fadada a ser a favorita dos nossos pais. A minha amiga Olive costumava chamar-lhe «a Filha dos Livreiros» pelas costas, pois ela *parecia* mesmo o tipo de rapariga cujos pais eram donos de uma livraria, como se isso fosse um estereótipo muito específico e a Marie preenchesse todos os requisitos com menções honrosas.

Ela lia livros para adultos e escrevia poesia e tinha paixonetes por personagens fictícias em vez de atores de cinema, o que só nos dava vontade de vomitar, a mim e à Olive.

Quando a Marie tinha a minha idade, fez um curso de escrita criativa e decidiu que queria «tornar-se escritora». As apas são necessárias, pois a única coisa que ela escreveu foi um policial de nove páginas cuja assassina era a irmã mais nova da protagonista, Emily. Eu li-o, e até eu o achei uma porcaria, mas ela enviou-o para o jornal da escola e eles gostaram tanto que o publicaram em fascículos ao longo de nove semanas no primeiro semestre.

O facto de ela conseguir fazer tudo isso e ser ao mesmo tempo uma das raparigas mais populares da escola piorava ainda mais as coisas. Isso só comprova que, se a pessoa for suficientemente bonita, consegue tudo.

Já eu tinha lido secretamente na biblioteca os resumos de todos os livros de leitura obrigatória para Inglês. Tinha no quarto uma pilha de romances que os meus pais me tinham oferecido e recusava-me sequer a abri-los.

Gostava de videoclipes, das séries da NBC e de todas as mulheres que figuravam no Lilith Fair. Quando estava aborrecida,

folheava as edições antigas da *Travel + Leisure* da minha mãe, recortava as imagens de que gostava e colava-as na parede do meu quarto. O espaço por cima da minha cama tornara-se um caleidoscópio de capas de revista com o Keanu Reeves, encartes dos álbuns da Tori Amos e artigos de duas páginas sobre a Riviera Italiana e a zona rural francesa.

E ninguém, repito, ninguém mesmo, me via como uma miúda popular.

Os meus pais costumavam dizer na brincadeira que eu devia ter sido trocada na maternidade e eu ria-me sempre, mas muitas vezes dava por mim a olhar para as fotos dos meus pais em crianças e a observar-me ao espelho à procura de semelhanças, para me certificar de que era mesmo filha deles.

— OK, boa — disse à minha mãe, mais entusiasmada por não ter de trabalhar do que por passar algum tempo com a minha irmã. — A que horas saímos?

— Não sei — respondeu ela. — Fala com a Marie. Eu vou andando para a loja. Vejo-vos ao jantar.

Quando ela fechou a porta do meu quarto, voltei a deitar-me, disposta a aproveitar todos os minutos extra de sono.

Pouco depois das onze, a Marie entrou de rompante no meu quarto e disse:

— Vamos lá.

Fomos a três lojas e eu experimentei doze pares de calças de ganga. Umas eram largas demais, outras eram apertadas demais, outras tinham a cintura alta demais.

Quando experimentei o décimo segundo par e saí do provador, vi a Marie a olhar para mim, absolutamente entediada.

— Ficam-te bem. Leva essas — disse ela.

Estava vestida da cabeça aos pés com roupas da Abercrombie & Fitch. Estávamos na viragem do milénio. Toda a gente em Nova Inglaterra usava Abercrombie & Fitch da cabeça aos pés.

— Ficam esquisitas no rabo — disse eu, perfeitamente quieta.
A Marie olhou para mim, como se estivesse à espera de alguma coisa.

— Vais virar-te para eu ver se ficam esquisitas no rabo, ou quê? — disse ela, por fim.

Virei-me.

— Parece que estás a usar uma fralda — disse ela.

— Foi o que eu disse.

A Marie revirou os olhos.

— Espera aí — disse ela, fazendo um gesto com o dedo para me indicar que eu voltasse a entrar no provador. E eu entrei.

Tinha acabado de despir o último par de calças de ganga quando ela atirou um par de calças desbotadas de corte a direito por cima da porta.

— Experimenta estas — disse ela. — A Joelle usa umas assim, e ela tem o rabo grande como tu.

— Obrigadinha — respondi, agarrando no par de calças.

— Só estou a tentar ajudar — respondeu ela, enquanto os seus pés se afastavam, como se a conversa estivesse encerrada simplesmente porque ela tinha perdido o interesse.

Abri o fecho e vesti as calças. Tive de as obrigar a passar pelas minhas ancas e sustar um pouco a respiração para as abotoar. Endireitei-me e olhei-me ao espelho, fazendo poses para um lado e para o outro, virando a cabeça para ver como ficavam na parte de trás.

O meu rabo estava a ficar cada vez maior e as minhas mamas pareciam ter estagnado. Tinha lido numa revista *Glamour* da minha mãe que esse tipo de corpo se definia como «formato pera». Não tinha barriga, mas as ancas começavam a alargar. A Olive estava a começar a ganhar volume nas mamas e na barriga, e eu perguntava-me se não preferiria ter esse tipo de corpo. Formato maçã.

Mas, para ser sincera, o que eu preferia mesmo era ter tudo o que a Marie tinha herdado da minha mãe. Rabo médio, pernas médias, cabelo castanho, olhos verdes e pestanas espessas.

Em vez disso, tinha saído ao meu pai — cabelo nem loiro nem castanho, olhos entre o castanho e o verde, e um físico muito próprio. Uma vez perguntei à minha mãe de quem tinha herdado as pernas curtas e grossas, e ela respondeu: «Nem eu sei.» Como se isso não fosse uma coisa terrível de se dizer à filha.

Só havia uma coisa na minha aparência que eu adorava. As minhas sardas, aquele aglomerado de pontinhos escuros abaixo do meu olho direito. A minha mãe costumava unir os pontos com a ponta do dedo quando eu era criança e me ia deitar.

Eu adorava as minhas sardas e detestava o meu rabo.

Por isso, no provador, tudo o que eu queria era um par de calças de ganga que fizesse o meu rabo parecer mais pequeno. E estas pareciam fazer isso.

Saí do provador para pedir a opinião da Marie. Infelizmente, ela já tinha desaparecido.

Voltei a entrar no provador, apercebendo-me de que não tinha ninguém que me ajudasse a tomar uma decisão.

Olhei-me mais uma vez ao espelho.

Será que gostava mesmo delas?

Olhei para a etiqueta. Trinta e cinco dólares.

Mesmo com as taxas, ainda me sobrava dinheiro para comer frango *teriyaki* na praça da restauração.

Despi as calças, dirigi-me à caixa e paguei com o dinheiro que os meus pais me tinham dado. Recebi em troca um saco com o único par de calças de ganga que eu não tinha odiado.

A Marie continuava desaparecida.

Procurei em redor da loja. Fui até à Body Shop para ver se ela tinha ido comprar batom ou gel de banho. Trinta minutos depois, encontrei-a a comprar brincos na Claire's.

— Tenho andado à tua procura em todo o lado — disse-lhe.
— Desculpa, estava a ver bijutaria.

Aceitou o meu troco, guardou-o delicadamente na carteira e depois pegou no minúsculo saco de plástico branco que, sem dúvida, continha brincos de ouro falso que certamente lhe iriam manchar as orelhas de cinza-esverdeado.

Segui a Marie ao sair da loja toda confiante, começando a dirigir-se à entrada onde tinha deixado o carro.

— Espera — pedi-lhe, parando. — Eu queria ir à praça da restauração.

Ela virou-se para mim. Olhou para ao relógio.

— Desculpa, não pode ser. Vamos chegar tarde.

— A quê?

— À prova de natação — respondeu ela.

— Qual prova de natação? — perguntei. — Ninguém me falou de uma prova de natação.

A Marie não respondeu, mas também não era preciso. Eu já a seguia em direção ao carro, disposta a ir onde ela me dissesse para ir, disposta a fazer o que me dissesse para fazer.

Só depois de entrarmos no carro é que ela se dignou a dar-me uma explicação.

— O Graham é o capitão da equipa de natação este ano — explicou ela.

Ah, certo.

O Graham Hughes. O capitão de todas equipas a que pertence. Candidato a vencedor do «melhor sorriso» no livro de final de curso. Exatamente o tipo de pessoa com quem a santa Marie de Acton namoraria.

— Boa — respondi.

Era óbvio que o meu destino implicava não só assistir à prova dos 50 metros em estilo livre, mas também esperar no carro da Marie depois disso, enquanto ela e o Graham curtiam no dele.

— Podemos ao menos passar por um *drive-through* a caminho? — pedi, já derrotada.

— Pronto, está bem — respondeu ela.

Foi então que reuni toda a minha coragem e acrescentei:

— Pagas tu.

Ela olhou para mim a rir-se.

— Tu tens 14 anos. Não podes pagar o teu próprio almoço?

Ela tinha a extraordinária capacidade de me fazer sentir uma idiota, mesmo quando eu me sentia confiante.

Parámos no Burger King e eu comi um Whopper Jr. no banco da frente do carro dela, sujei as mãos com ketchup e mostarda e depois tive de esperar até estacionarmos para ir à procura de um guardanapo.

A Marie largou-me assim que sentimos o cheiro do cloro no ar. Por isso, sentei-me e fiz os possíveis para me entreter.

A piscina interior estava cheia de rapazes da minha idade quase despidos e em ótima forma física. Eu nem sabia para onde olhar.

Quando o Graham subiu ao bloco de partida e o apito soou, vi-o mergulhar com a facilidade de um pássaro a voar pelos ares. Mal entrou na água, tornou-se evidente que iria ganhar a prova.

A Marie encontrava-se no canto mais afastado, aos saltos, a torcer por ele, a acreditar nele com todas as suas forças. Quando o Graham reclamou o seu trono, eu levantei-me e fui dar uma volta, passando pelo outro lado das arquibancadas e pelo ginásio, em busca de uma máquina de venda automática.

Quando regresssei — cinquenta cêntimos mais pobre e um pacote de *Doritos* mais rica —, vi a Olive sentada em frente à multidão com a sua família.

Um dia, no verão anterior, mesmo antes de as aulas começarem, eu e a Olive estávamos na cave da casa dela quando ela me disse que achava que era gay.

Disse que não tinha a certeza. Só achava que não se sentia completamente heterossexual. Ela gostava de rapazes. Mas começava a pensar que talvez gostasse de raparigas.

Eu tinha quase a certeza de que eu era a única a saber. E também tinha quase a certeza de que os pais dela começavam a desconfiar. Mas isso não me dizia respeito. A minha única função era ser amiga dela.

Por isso, fiz o que as amigas fazem, como ficar ali sentada a ver videoclipes durante horas, à espera de ver o vídeo da *Torn*, da Natalie Imbruglia, para que a Olive pudesse admirá-la, embevecida. Não era um ato totalmente altruísta, pois era a minha canção preferida e o meu sonho era cortar o cabelo para ficar parecida com a Natalie Imbruglia.

A minha disponibilidade para rever o *Titanic* enquanto a Olive tentava descobrir se gostava de ver a cena de sexo entre o Jack e a Rose porque se sentia atraída pelo Leonardo DiCaprio ou pela Kate Winslet também não era inteiramente altruísta.

— Olá! — disse ela, quando entrei no seu raio de visão naquele dia na piscina.

— Olá! — respondi. A Olive vestia um top de alças branco por baixo de uma blusa azul-clara desabotoada. O seu longo cabelo preto caía-lhe por baixo dos ombros. Com um nome como Olive Berman, ninguém imaginaria que ela era meio judia, meio coreana, mas ela tinha orgulho nas raízes sul-coreanas da mãe e igual orgulho no seu *bat mitzva*. — O que é que estás aqui a fazer? — perguntou.

— A Marie arrastou-me até aqui e depois pisgou-se.

— Ah — disse a Olive, com um aceno de cabeça. — É típico da Filha dos Livreiros. Ela veio ver o Graham?

A Olive fez uma careta ao dizer o nome do Graham e eu fiquei satisfeita por ela também achar que o Graham provocava vontade de rir.

— Pois — respondi. — Mas... espera... E tu estás aqui porquê?
O irmão da Olive tinha sido nadador até se formar no ano anterior. A Olive tinha tentado entrar na equipa feminina, mas sem sucesso.

— O meu primo Eli nada pela Sudbury.

A mãe da Olive virou costas à prova e olhou para mim.

— Olá, Emma. Senta-te.

Quando me sentei ao lado da Olive, a Sra. Berman voltou a concentrar-se na piscina.

O Eli ficou em terceiro e a Sra. Berman, por reflexo, cerrou os punhos e abanou a cabeça negativamente. Voltou-se para olhar para a Olive e para mim.

— Vou dar um abraço de consolo ao Eli e depois podemos ir para casa, Olive — disse ela.

Apetecia-me perguntar se podia ir com elas. A Olive vivia a cinco minutos de minha casa. A minha casa ficava mais ou menos entre a delas e a saída para a estrada nacional. Mas eu tinha dificuldade em pedir favores às pessoas. Preferia manter-me com rodeios.

— Se calhar é melhor ir à procura da Marie — disse eu. — Para perguntar quando vamos embora.

— Nós podemos levar-te — ofereceu a Olive. — Não podemos, mãe?

— Claro que sim — respondeu a Sra. Berman, espremendo-se para passar por entre as bancadas apinhadas. — Queres vir despedir-te do Eli? Ou encontramos-nos no carro?

— No carro — respondeu a Olive. — Mas diz ao Eli que eu disse olá.

A Olive enfiou a mão no meu pacote de *Doritos* e serviu-se.

— OK — segredou ela, mal a mãe se afastou. — Viste a rapariga do outro lado da piscina a falar com o rapaz do fato de banho vermelho?

— Hã?

— A rapariga do rabo de cavalo. A falar com alguém da equipa do Eli. Acho que deve ser a rapariga mais gira do mundo. Tipo, de sempre. Tipo, que alguma vez existiu.

Olhei na direção da piscina em busca de uma rapariga de rabo de cavalo. Não vi nenhuma.

— Onde é que ela está? — perguntei.

— Agora está perto do trampolim — respondeu ela, apontando. — Ali mesmo. Ao lado do Jesse Lerner.

— Quem? — perguntei, seguindo o dedo da Olive até ao trampolim. E vi, de facto, uma rapariga bonita de rabo de cavalo. Mas nem quis saber.

Porque também vi o rapaz alto, magro e musculado ao lado dela. Tinha os olhos profundos, o rosto angular e os lábios grossos. O seu cabelo curto, castanho-claro, estava meio despenteado, resultado de ter acabado de tirar a touca de natação. Percebi pelo fato de banho que ele frequentava a nossa escola.

— Viste-a? — perguntou a Olive.

— Vi — respondi. — Sim, é bonita. Mas o rapaz com quem ela está a falar... Como é que disseste que ele se chamava?

— Quem? O Jesse Lerner?

— Pois. Quem é o Jesse Lerner?

— Como é que podes não saber quem é o Jesse Lerner?

Virei-me para olhar para a Olive.

— Sei lá. Não sei mesmo. Quem é ele?

— Ele mora na rua do Hughes.

Tornei a virar-me para o Jesse e vi-o apanhar uns óculos de natação do chão.

— Ele anda na tua turma?

— Anda, sim.

A Olive continuou a falar, mas eu já tinha deixado de a ouvir. Em vez disso, fiquei a ver o Jesse a regressar aos balneários

com o resto da equipa. O Graham estava mesmo ao lado dele e pousou-lhe uma mão no ombro por breves instantes, antes de se adiantar à pequena e lenta fila que se formava. Eu não conseguia tirar os olhos da forma como o Jesse se movia, da confiança com que punha um pé à frente do outro. Ele era mais novo do que os outros nadadores — um caloiro na equipa oficial da escola —, mas parecia sentir-se perfeitamente à vontade ali à frente de todos com um fato de banho minúsculo.

— Emma — chamou a Olive. — Estás a olhar espedada.

Nesse momento, o Jesse virou ligeiramente a cabeça e o seu olhar recaiu em mim, por breves e aterradores segundos. De modo instintivo, desviei o olhar.

— O que é que disseste? — perguntei à Olive, tentando fingir que estava a conversar com ela.

— Disse que estavas espedada a olhar para ele.

— Não estava nada — respondi.

Foi então que a Sra. Berman voltou para o nosso lado da arquibancada.

— Pensei que iam ter comigo ao carro — disse ela.

— Desculpa! — disse a Olive, levantando-se de um salto. — Já estamos a ir.

— Desculpe, Sra. Berman — disse eu, seguindo-as pelas arquibancadas até à porta de saída.

Mesmo antes de sair, parei para olhar para o Jesse uma última vez. Tive um vislumbre do seu sorriso. Era amplo e radiante, sincero e cheio de dentes. Todo o seu rosto se iluminava.

Imaginei como seria bom ter aquele sorriso dirigido a mim, ser a causa de um sorriso assim — a minha nova paixoneta pelo Jesse Lerner transformara-se num enorme balão inchado, capaz de nos levantar aos dois pelo ar, se o agarrássemos.

Nessa semana, na escola, reparei no Jesse nos corredores quase todos os dias. Agora que sabia quem ele era, via-o por todo o lado.

— É o fenómeno Baader-Meinhof — disse a Olive, quando o mencionei ao almoço. — O meu irmão falou-me disso. Não reparamos numa coisa e depois aprendemos o nome dela e de repente ela aparece por todo o lado. — A Olive parou por instantes para pensar. — Uau. Acho que estou a ter um fenómeno Baader-Meinhof *com* o fenómeno Baader-Meinhof.

— Também andas a ver o Jesse por todo o lado? — perguntei, não percebendo, claramente, a questão. No início desse dia, tinha passado por ele à saída da aula de Espanhol. Ele estava a falar com a Carolyn Bean junto ao cacifo dela. A Carolyn Bean era a capitã da equipa de futebol feminino. Usava sempre o cabelo loiro apanhado num puxo e uma faixa desportiva na cabeça. Nunca a vi sem *gloss* nos lábios. Se era desse tipo de raparigas que o Jesse gostava, então eu não tinha a menor hipótese.

— Não estou a vê-lo mais do que o normal — respondeu a Olive. — Mas estou sempre a vê-lo. Ele está na minha turma de Álgebra.

— És amiga dele? — perguntei.

— Nem por isso — respondeu a Olive. — Mas ele é fixe. Devas apresentar-te.

— Estás louca? Eu não posso apresentar-me assim sem mais nem menos.

— É claro que podes.

Abanei a cabeça e olhei para o lado.

— Estás a ser ridícula.

— *Tu* é que estás a ser ridícula. É só um rapaz da nossa turma. Não é o Keanu Reeves.

Se eu pudesse falar com o Jesse Lerner, nem queria saber do Keanu Reeves, pensei.

— Eu não me posso apresentar, isso é uma loucura — disse, pegando em seguida no meu tabuleiro e dirigindo-me ao caixote do lixo. A Olive foi atrás de mim.

— Está bem — concordou ela. — Mas ele é mesmo fixe.

— Não digas isso! — exclamei. — Isso só piora as coisas.

— Queres que eu diga que ele é mau?

— Sei lá! — respondi. — Não sei o que quero que digas.

— Estás a ser muito irritante — disse a Olive, surpreendida.

— Eu sei. Ai, é que... anda lá. Eu ofereço-te um pacote de bolachas.

Nessa altura, uma embalagem de bolachas de 75 cêntimos era o suficiente para me redimir do facto de estar a ser irritante. Por isso, dirigi-me ao balcão, enfiei a mão no bolso e contei as moedas prateadas.

— Tenho exatamente um dólar e meio — disse eu, seguindo a Olive até ao final da fila. — Chega para as duas.

Levantei a cabeça e vi a Olive de olhos arregalados.

— O que foi?

Segui o olhar dela.

O Jesse Lerner estava mesmo à nossa frente. Vestia calças de ganga escuras, uma t-shirt dos Smashing Pumpkins e um par de *Converse One Star* pretos.

E estava de mãos dadas com a Carolyn Bean.

A Olive olhou para mim, tentando avaliar a minha reacção. Mas eu continuei a olhar em frente, fingindo-me inabalável.

E depois vi a Carolyn Bean soltar a mão do Jesse, tirar um batom do cieirol do bolso e aplicá-lo nos lábios.

Como se não fosse suficientemente mau estar de mãos dadas com ele, ainda teve a audácia de lhe largar a mão.

Odiei-a por isso. Odiei o seu estúpido futebol, a sua faixa na cabeça, o seu batom do cieirol com sabor a *Dr. Peppers*.

Se ele alguma vez quisesse dar-me a mão, eu nunca, nunca, nunca a largaria.

— Vamos sair daqui — disse à Olive.

— Pois — respondeu ela. — Vamos antes comprar qualquer coisa na máquina.

Afastei-me, deprimida e apaixonada, em direção à máquina de venda automática junto à sala de música.

Comprei dois *Snickers* e dei um à Olive. Mordi o meu como se fosse a única coisa capaz de preencher o vazio no meu coração.

— Já o esqueci — disse eu. — Foi uma paixoneta totalmente idiota. Já passou. A sério.

— Está bem — respondeu a Olive meio a rir-se de mim.

— Não, a sério. Já passou mesmo.

— Claro — concordou a Olive, erguendo as sobrancelhas e cerrando os lábios.

Foi então que ouvi uma voz atrás de mim.

— Emma?

Quando me virei, vi o Sam a sair da sala de música.

— Ah, olá — disse eu.

— Não sabia que esta era a tua hora de almoço.

Confirmei com um aceno de cabeça.

— É, sim.

Tinha o cabelo um pouco despenteado e usava uma t-shirt verde que dizia, em português: «Bom Dia!»

— Então, parece que vamos ter o nosso primeiro turno em conjunto — disse ele. — Quer dizer, amanhã, na livraria.

— Ah — respondi. — Pois.

Na terça-feira, a Marie tinha levado o meu CD da Fiona Apple sem mo pedir emprestado, e eu tinha-lhe chamado «idiota chapada» suficientemente perto dos meus pais para eles ouvirem. O meu castigo foi um turno de sexta-feira na loja. Na minha família, em vez de ficar de castigo ou de ter privilégios revogados, as pessoas redimiam-se fazendo trabalho suplementar. Os turnos extra na loja eram a forma que os meus pais tinham encontrado para nos castigar e obter ao mesmo tempo trabalho gratuito. Designar-me para sexta-feira à noite, em particular, significava que eu não podia sair com a Olive e que eles teriam a noite livre para ir ao cinema.

— Amanhã? — perguntou a Olive. — Pensei que íamos para a minha casa depois das aulas.

— Desculpa — respondi. — Esqueci-me. Tenho de trabalhar.

Ouviu-se o toque que indicava que estava na hora de ir para a minha aula de Geografia.

— Ah — exclamou a Olive. — Tenho de ir. Deixei o meu livro no cacifo.

A Olive não esperou por mim, nem sequer se ofereceu para esperar. Nada a impediria de ser pontual.

— Eu também tenho de ir — disse eu ao Sam, que não parecia estar com pressa para ir a lado nenhum. — Temos teste de Geografia.

— Oh, não quero que te atrases — respondeu o Sam. — Só queria saber se querias boleia. Amanhã. Para a loja, depois das aulas.

Olhei para ele, confusa. Quer dizer, não estava confusa com o que ele tinha dito. Percebia a simples física de entrar num carro que me levaria da escola até ao trabalho. Mas fiquei surpreendida com a oferta, com o simples facto de ele se lembrar disso.

— Acabei de tirar a carta e herdei o *Camry* do meu irmão — disse ele. No secundário, aparentemente, toda a gente herdava *Camrys* ou *Corollas*. — Por isso, pensei... — Ele olhou-me nos olhos e depois desviou o olhar. — Assim não precisas de ir de autocarro.

Estava a ser muito simpático. E mal me conhecia.

— Claro, seria ótimo — respondi.

— Encontramo-nos no parque de estacionamento depois das aulas?

— Parece-me bem. Obrigada. É muito fixe da tua parte.

— Não custa nada — respondeu ele. — Até amanhã.

Enquanto me encaminhava para as portas duplas ao fundo do corredor, em direção à aula, ocorreu-me que talvez já estivesse na hora de ser amiga de quem eu quisesse e parar de rejeitar as pessoas de quem a Marie gostava.

Talvez já estivesse na hora de... ser eu própria.

PERANTE UMA ESCOLHA IMPOSSÍVEL, QUE RUMO SEGUIR?

Emma e Jesse tinham a vida com que sempre haviam sonhado, quando o impensável aconteceu. Um ano depois do casamento, Jesse foi dado como desaparecido e Emma teve de aprender a viver sem ele. De repente, tudo à sua volta se desmoronava, deixando-a sem saber que caminho seguir.

Depois de muito tempo a tentar reconciliar-se com a tragédia, Emma retoma as rédeas da sua vida e descobre um novo rumo e até um novo amor. Embora nunca tenha esquecido Jesse, encontra em Sam uma nova oportunidade para ser feliz.

Mas tudo muda na noite em que recebe o mais inesperado dos telefonemas. De Jesse. O seu primeiro amor. Mas será ele o seu único amor?

Emma sabe que vai ter de ouvir o coração. Só não sabe o que este tem para lhe dizer.

**NÃO PERCA,
DA MESMA
AUTORA:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN 9789897871474



9 789897 871474 >